

"Eu gosto da rua porque tem mais liberdade..."  
Willian, 12 anos

"...Mas... O que é liberdade?..."  
Zébio - Educador

"Menino de rua não é apenas a criança que mora nas ruas, mas sim, toda criança que está na rua dos seus direitos".  
Rafael - Movimento dos Meninos e Meninas de Rua de Florianópolis.

## A Pandorga: O Projeto de um vôo

Um vídeo documentário da jornalista Isabela Hoffmann que apresenta fragmentos da realidade de meninos e meninas que vivem nas ruas de Florianópolis. Uma história contada a partir da narrativa das próprias crianças.

Apresentação do projeto de conclusão do Curso de Jornalismo  
Departamento de Comunicação Social - UFSC

Dia : 29 de julho de 1999  
Local : Espaço Multímdia do Museu da Imagem e do Som - CIC  
Horário : 19 Horas

Paralelo a apresentação do vídeo acontecerá a abertura da exposição de fotos de Isabela Hoffmann e Marina Moros e a instalação de pandorgas de Valdir Agostinho na Sala de Exposições Temporárias do Museu da Imagem e do Som .



10,0

# A PANDORGA

**Universidade Federal de Santa Catarina  
Curso de Comunicação Social/jornalismo  
Disciplina: Técnica de Projetos  
Professora: Sônia Maluf  
Aluna: Isabela Hoffmann Dummer**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO  
DISCIPLINA : COM 5708 – TÉCNICA DE PROJETOS  
Professora: Sônia Maluf  
Aluna: Isabela Hoffmann Dummer

## PLANO INDIVIDUAL DE PROJETO EXPERIMENTAL

**Título do projeto:** “*A Pandorga*” (título provisório)

**Aluna responsável:** Isabela Hoffmann Dummer

**Natureza do projeto:** Documentário

**Suporte do projeto:** Vídeo e Fotografia

### Sumário:

O projeto “*A Pandorga*” pretende tratar da realidade dos meninos e meninas de rua de Florianópolis, partindo da experiência de vida de uma criança que passou a maior parte da infância, ou toda ela, mendigando e tendo o banco de uma praça como cama. O vídeo usará os recursos da narrativa ficcional para contar a história de William Barbosa de Araújo, um menino de rua de 11 anos, que morreu eletrocutado em 1998.

Como William, várias outras crianças foram vítimas do descaso e preconceito. Mário, Jean e Marcos são apenas algumas dessas crianças que não tiveram a oportunidade de crescer.

Partindo do singular para uma realidade que atinge milhares de meninos e meninas de rua de todo o país, o vídeo pretende mostrar o lado humano e “infantil” dessas crianças, assim como o amadurecimento forçado e precoce, desmistificando a imagem da violência e agressividade que cerca esses personagens do nosso cotidiano.

### Instituições envolvidas e equipe:

Este trabalho será realizado no curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, no Laboratório de Vídeo Educativo, com o apoio do Laboratório de Estudos de Comunicação - LEC, do Centro de Educação da UFSC - CED, do Grupo Pandorgas Partidas e Grupo Mover. Busca ainda apoio da Prefeitura Municipal de Florianópolis e da Rede Brasil Sul de Comunicação.

A equipe é composta por uma acadêmica responsável pelo roteiro, pela pré-produção, produção, direção, edição e finalização do vídeo: Isabela Hoffmann Dummer; uma assistente de direção; um câmera; um editor de pós-finalização; um fotógrafo e dos professores e orientadores José Soares Gatti e Gilka Girardello.

**Semestre programado para a realização : 99.1**

**Custos :** O vídeo está orçado em, **aproximadamente**, R\$ 7.380,00

*Isabela Hoffmann*  
Isabela Hoffmann Dummer

\_\_\_\_\_  
José Soares Gatti

## Introdução

O projeto “**A Pandorga**” objetiva a realização de um vídeo ficção, baseado em história real, acompanhado de ensaio fotográfico, sobre a realidade de meninos e meninas de rua de Florianópolis. Tentar mostrar e compreender em que contexto vivem essas crianças, já forçosamente “adultas”.

Muito se tem estudado e escrito sobre essa realidade<sup>1</sup>. O trabalho desses pesquisadores, educadores, psicólogos ou orientadores educacionais, que está à disposição do público, na forma de livros, teses ou dissertações, deixa clara a necessidade de se fazer mais, de discutir mais e continuar questionando esse tema que aponta a responsabilidade para o preconceito, discriminação e descaso da sociedade de uma forma geral.

A infância e a adolescência pobre, no Brasil, têm provocado muitas campanhas, programas e projetos que vêm sendo realizados, tanto pelas organizações não governamentais, quanto pelas governamentais, desde a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, aprovado pelo Congresso em 1990.

Pelo Estatuto, toda criança tem direito à moradia, alimentação adequada, estudo e lazer. Mas não é o que se percebe quando se passa algum tempo acompanhando o dia a dia de algumas das crianças pobres que têm a rua como seu espaço de vida e aprendizado. E foi o que fez a educadora Patrícia de Moraes Lima<sup>2</sup>

*“A imagem socialmente construída sobre essas crianças e adolescentes oscila entre uma posição em que são, ora compreendidas como vítimas de um processo de exclusão, ora como incorporando o perfil de bandidos, marginais”.*

O objetivo do vídeo “**A Pandorga**” é abordar esse tema de forma crítica. Mostrar essa parcela de nossa sociedade que, desprovida de direitos de cidadania, vive em condições de pobreza e miséria. Essa parcela da sociedade que estará representada na figura de um personagem principal. Através da história de William Barbosa de Araújo, 11 anos, pretendemos contar a história de centenas de crianças, que vivem nas ruas de Florianópolis. Uma história que se repete no contato com as drogas, com a criminalidade, com o desprezo, mas também nos sonhos, fantasias e brincadeiras de criança.

<sup>1</sup> Dimenstein, Gilberto. **A Guerra dos Meninos: Assassinatos de Menores no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Fausto, Ayrton & Cervini, Ruben. **O trabalho e a rua: Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. São Paulo: Cortez, 1991.

<sup>2</sup> Patrícia de Moraes Lima. **A Ciranda da Rua: Um estudo sobre a organização dos meninos e meninas que vivem nas ruas em Florianópolis**. Uma dissertação de mestrado, CED - UFSC

São crianças que, na teoria, têm garantido os seus direitos, mas que na prática conhecem apenas o dever da sobrevivência. E para essa sobrevivência nas ruas, eles estabelecem suas próprias regras, se organizam em grupos, disputam espaços e liderança, mas ao mesmo tempo são cúmplices, companheiros e solidários uns com os outros.

Através da história de William e seu relacionamento com a amiga Carla (personagem de ficção), o vídeo pretende mostrar os aspectos de um ser humano em desenvolvimento. Um ser humano que lida principalmente com a falta de uma outra opção de vida.

Uma opção que poderia ser oferecida pelas Instituições que tratam do assunto, mas até 1996<sup>3</sup>, em Florianópolis, existiam apenas dois programas oferecidos pelo Poder Público Municipal, direcionados ao atendimento dessas crianças e adolescentes: Albergue Santa Rita de Cássia e Casa da Liberdade. No Albergue as crianças se alimentavam e passavam a noite e na Casa da Liberdade eram oferecidas oficinas pedagógicas visando a profissionalização. Em 1997<sup>4</sup> o Albergue Santa Rita de Cássia foi fechado.

---

<sup>3</sup> Gestão da Frente Popular na Prefeitura de Florianópolis.

<sup>4</sup> Início da gestão do Partido Progressista Brasileiro (PPB)

## Problemática

“William não era um menino de rua. Ele era muito criativo. Ele era um artista”. Assim define a educadora Maristela Fantin, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, quando fala do menino de 11 anos que vivia nas ruas de Florianópolis.

Alguns professores e alunos da Universidade, coordenados por Maristela, trabalham com meninos e meninas de rua há cerca de dez anos e foi a história de William Barbosa de Araújo – 11 anos, como a de algumas outras crianças, que despertou o interesse e a simpatia do grupo.

William não era órfão. Tinha pai, mãe e irmãos, que moravam em uma casa simples no Balneário de Canasvieiras, em Florianópolis. Mesmo assim, o menino de 11 anos buscou nas ruas uma alternativa de vida.

Muitas vezes a saída de casa tem a ver com as formas de violência sofridas nesse ambiente, com a pobreza e com um certo desprendimento das relações. “Minha mãe me manda pedir dinheiro na rua, se eu volto sem, ela me bate, ela me dá uma surra”, se queixou Daniel, um menino de 10 anos que fica nas imediações do Shopping Beira Mar, no centro de Florianópolis.

A falta de estrutura familiar é outro convite à vida nas ruas. O menino Daniel afirma que não tem pai e a figura forte da mãe está relacionada à violência.

Uma pesquisa realizada pela educadora Patrícia de Moraes Lima<sup>5</sup> mostra que esses meninos ou meninas de rua “nem sempre viviam no núcleo da família (pai, mãe e irmãos), mas, na maioria das vezes, quando pequenos, foram criados por parentes, tais como tios, tias ou avós”.

A educadora Maristela Fantin, que realizou uma pesquisa sobre a vida de William Barbosa de Araújo, 11 anos, garante que “ele, algumas vezes, por algum motivo, dormia na casa da avó, mas logo voltava pras ruas”.

Outro aspecto constatado é o contato dessas crianças, desde cedo, com as drogas que, na maioria dos casos, se torna inevitável. O fato de estar nas ruas, deparar com as dificuldades e desafios que essa situação impõe e ter que superá-los é o que, seguramente, os leva ao consumo.

<sup>5</sup> Patrícia de Moraes Lima. A ciranda da rua: Um estudo sobre a organização dos meninos e meninas que vivem nas ruas em Florianópolis. Dissertação do curso de Mestrado, CED, UFSC, 1997.

A vida nas ruas leva à uma outra situação: diretamente relacionada às drogas está a criminalidade. A prática do roubo passa a ser inevitável como forma de garantir a alimentação necessária ou o sustento das drogas.

Para documentar e alertar para essa situação e todos os problemas e dificuldades que circundam o mundo dos meninos e meninas de rua é que se propõe a realização do projeto ( vídeo) "*A Pandorga*"

Muito tem sido feito, como foi dito anteriormente, no sentido de denunciar essa difícil realidade, e o vídeo "*A Pandorga*" se propõe a ser mais um instrumento nessa campanha, utilizando uma linguagem diferente.

Partindo de uma história singular, a história de William Barbosa de Araújo, para falar de um assunto que se propõe universal.

## **Objetivo Geral**

Apresentar de uma forma diferente, utilizando recursos da linguagem ficcional, a realidade dos meninos e meninas de rua de Florianópolis. Uma realidade que poucos conhecem. A intenção do vídeo é valorizar a imagem dessas crianças enquanto pessoas em desenvolvimento que sonham, têm fantasias, mas que enfrentam, ao mesmo tempo, uma realidade difícil. Alertar as pessoas, que “tropeçam” diariamente nesse problema e que muitas vezes acham que é responsabilidade de outros.

### **Objetivos específicos**

- a) Servir como instrumento de possíveis campanhas que possam vir a ser realizadas sobre a realidade de meninos e meninas de rua.
- b) Contribuir para a reflexão sobre essa realidade, alertando a sociedade sobre o problema
- c) Provocar o questionamento e discussões junto aos grupos que buscam a solução para o problema
- d) Tentar encurtar a distância que existe entre a população e esse segmento marginalizado da sociedade.
- e) Exibir o vídeo e as fotos em escolas, festivais, veículos de comunicação e associações comunitárias, explorando o seu caráter informativo e educativo.

## **Equipe e Instituições envolvidas**

### **Equipe:**

**Pesquisa/ Produção/ Roteiro/ Direção e Edição:**  
Isabela Hoffmann Dummer

**Assistente de direção:**  
a contratar

**Câmera:**  
A contratar

**Iluminador:**  
a contratar

**Técnico de som:**  
a contratar

**Atores:**  
a contratar

**Fotógrafo:**  
a contratar

**Editor de Pós-produção:**  
a contratar

**Orientadora (etapa de pesquisas):**  
Gilka Girardello

**Orientador (etapa de produção, roteiro e direção):**  
José Gatti Soares

### **Instituições envolvidas:**

Universidade Federal de Santa Catarina

Laboratório de Vídeo Educativo

Laboratório de Estudos de Comunicação da UFSC - LEC

Centro de Educação da UFSC – CED

Grupo Pandorgas Partidas

Grupo Mover

Prefeitura Municipal de Florianópolis (?)

Rede Brasil Sul de Comunicações – RBS/TV Florianópolis (?)

## Sinopse

O vídeo "*A Pandorga*" conta a história de William, um menino de onze anos que viveu e morreu nas ruas de Florianópolis.

Mesmo trabalhando com dados reais. O vídeo, que retrata a vida de William, não se pretende realista. Muita coisa já foi feita na tentativa de mostrar a realidade que essas crianças se encontram em todo o país.

A idéia aqui é mostrar o outro lado, o lado dos sonhos de um menino de rua. Sonhos esses que ele, neste vídeo, divide com a amiga Carla, uma menina pobre de dez anos que acompanhou de perto parte da trajetória de William.

Carla, personagem ficcional, conseguiu sobreviver às ruas. E é a partir de seu olhar que essa história é contada.

William representa a realidade de milhares de meninos e meninas de rua em todo o país. Carla representa a possibilidade dessa realidade ser mudada.

William tinha pais, um irmão e avó. Mas nenhum deles conseguiu viajar na fantasia do garoto que buscava a liberdade no vôo de uma pandorga solta no ar. Ele morreu eletrocutado em um fio da alta tensão quando tentava colocar seu sonho em prática.

## Lista de personagens

William – garoto pobre de 11 anos, que vive nas ruas

Carla – amiga de William. Menina pobre, 10 anos, que também vive nas ruas

Feirante - homem de cerca de 40 anos, gordo e agressivo

Pai de William – homem de cerca de 40 anos, envelhecido pela situação de vida que leva

Mãe de William – mulher de aproximadamente 35 anos, envelhecida pela situação de vida que leva

Irmão de William – menino de 7 anos

Menino de rua 1

Menino de rua 2

Menino de rua 3

Prostitutas – 2 ou 3

Policia

Crianças – uniformizadas. De um colégio particular

Homem – guarda do Albergue. Senhor de aproximadamente 50 anos. Rosto marcado pelo tempo.

Crianças – meninos e meninas que participam das atividades no Albergue.

Mulher – cerca de 40 anos com ar de professora.

Homem – Jovem com cerca de 20 anos que orienta as crianças na confecção do boi de mamão.

## Argumento

### A Pandorga

Contra o céu azul, movimenta-se uma dezena de pandorgas coloridas e de vários tamanhos. Vê-se que há algo escrito em cada uma delas, mas não se identifica o que. Ouve-se uma música calma, tranqüila. ( música apenas instrumental (clássica, talvez). Uma dessas pandorgas começa a cair lentamente, até parar no chão e se quebrar. Vê-se então um nome escrito nela. A caligrafia parece de criança, mas lê-se com nitidez o nome "William".

Aos poucos aproxima-se da pandorga a mão de uma pessoa. Identifica-se que é a mão de uma jovem pelo uso de um anel simples, daqueles comprados em camelôs. A mão é pequena e maltratada. Com carinho, ela (a mão) recolhe a pandorga do chão.

Vê-se a jovem que segura a pandorga. Ela é branca, tem cerca de 17 anos e é de beleza simples. Cabelos castanhos, sem corte e quebrados nas pontas. Ela usa uma camiseta cinza, calça jeans e uma sandália simples. A menina olha para a pandorga em sua mão e então para o céu, onde as dezenas de outras pandorgas parecem brincar com o vento. E novamente vê-se a pandorga quebrada nas mãos da menina.

Ouve-se um burburinho de vozes e se percebe uma certa movimentação no ambiente.

É uma praça e há um movimento intenso de pessoas. São adultos e crianças que se revezam na confecção de pandorgas e no trabalho de empiná-las. Alguns olham para o céu, outros se preocupam com os fios que controlam as pandorgas.

Uma mulher se movimenta de um lado para outro, se aproxima dos grupos, aparentemente dando orientações. Em um desses grupos, formado praticamente por crianças que estão sentadas no chão confeccionando pandorgas, a mulher se abaixa e começa a ajudar.

Se aproxima então do grupo uma outra mulher, bem vestida. Ela se apresenta para a professora Marta, coordenadora do evento. A mulher que se aproxima do grupo é jornalista e faz a cobertura da matéria para um jornal local.

A professora Marta explica que o festival de Pandorgas foi organizado pelo grupo em homenagem à William, um menino de rua que morreu sem chances de receber atendimento. A professora apresenta para a jornalista, a menina que está com a pandorga quebrada na mão. Carla, que viveu nas ruas e foi amiga de William. A jornalista parece surpresa. Mas é a jovem que conta a história de William, com o olhar de quem viveu os mesmos problemas e como alguém que conhece os sonhos e as fantasias de quem vive quase sem rumo nas ruas da cidade.

O dia ainda não clareou totalmente. A cidade ainda está quieta. Ouve-se apenas o soar dos sinos de uma igreja (Catedral, no centro da cidade) Num canto escuro de uma rua estreita (próximo a catedral), iluminada apenas pela primeira claridade do sol, está um amontoado de cobertor velho, que começa a se mexer.

O menino tira a coberta do rosto, que antes o cobria totalmente, e estica os braços. William é um menino de rua, negro e tem onze anos de idade. Ele veste uma camiseta branca suja e um calção escuro comprido e gasto nos joelhos. Uma voz de garota o chama e ele percebe Carla se aproximando dele. Carla tem dez anos, é branca e usa um vestido simples de florzinha. O vestido parece sujo e é de um tamanho maior que a menina. O cabelo dela, castanho, está meio despenteado. Os dois conversam, brincam e riem.

É dia de feira no centro da cidade. William e Carla se aproximam das barracas dos feirantes, que olham para eles com desconfiança. Os dois andam pela parte de trás das barracas. No chão estão vários caixotes com frutas e verduras estragadas, que não servem para venda. Se alimentando em um desses caixotes, está um cachorro magro e maltratado. Carla e William fingem que brincam com o cachorro e tentam pegar algumas frutas. O dono da barraca percebe os três e os expulsa dali, gritando e xingando. Carla e William fogem, levando com eles algumas coisas que conseguiram catar nos caixotes. No caminho, rindo do que aconteceu, eles dividem o que conseguiram.

As ruas da cidade começam a ficar mais movimentadas. Já é perto do meio dia e as duas crianças estão em uma sinaleira pedindo dinheiro para os motoristas que param diante do sinal vermelho. Com alguns, eles conseguem algum trocado, com outros, eles recebem cara feia e conselhos para que voltem para casa. Para esses, William responde com um sacudir de ombros e rapidamente dá as costas. Outros fecham os vidros do carro quando percebem a aproximação de William.

No final de tarde, William e Carla estão sentados em um banco de praça e contam os trocados, as poucas moedas que receberam. Carla fala de um vestido novo que vai ganhar da tia. Ela diz que foi a patroa da tia que deu, pois a filha não usava mais. William parece distraído e não presta atenção no que a amiga está falando. Ele sacode as moedas nas mãos e olha para o céu. William vê uma pandorga distante balançando no vento. Ele sorri. De repente a pandorga se solta e se afasta, ficando cada vez menor.

Já é noite. Em uma esquina, ao longe, um grupo de meninos e meninas de rua está conversando. Eles parecem agitados. William e Carla estão junto ao grupo. Um dos meninos comenta com o grupo a morte de um outro amigo. Ele conta que o menino estava dormindo em um banco num ponto de ônibus em canasvieiras e um grupo de jovens ateou fogo ao banco. William acompanha atento e assustado a descrição da cena. De repente um outro menino se aproxima do grupo correndo. Eles dividem alguma coisa entre si. Um deles olha em volta e todos percebem que algumas pessoas estão olhando. Eles então se despedem rapidamente. William e Carla, que saem juntos, não comentam a morte do menino em canasvieiras. Eles apenas se olham assustados. Carla está com os olhos vermelhos.

Numa casa pobre, num bairro de periferia da cidade, uma TV está ligada. No noticiário, o jornalista fala da situação de desemprego que o Brasil passa. É a casa dos pais de William. Os pais estão em uma sala pequena, que serve também como cozinha. Ele (pai de William) comenta, ironicamente, a notícia da TV e fala de sua

própria situação. Pela casa vê-se alguns potes de tinta e alguns pedaços de madeira pintados de branco e outros já com algumas inscrições. O pai de William é letreiro. Mas ele comenta com a esposa que quase não tem pedidos. Os dois acabam discutindo. Eles falam sobre a falta de dinheiro, a falta de comida, o desemprego e o fato de William viver nas ruas.

Pela janela, escondido dos pais, William acompanha a discussão. Ele dá a volta e entra, pela janela dos fundos, no cômodo que serve de quarto para ele, o irmão mais novo e os pais. Quando entra, o irmão, que já está deitado, se assusta. William, com a mão próxima da boca, pede silêncio. Ele se esgueira pelo quarto e começa a procurar alguma coisa. O menino pega uma blusa e, antes de sair, ele deixa as moedas que conseguiu sobre uma mesa perto da porta. William então sai pela janela por onde entrou. Ele se afasta da casa pela rua estreita e escura da favela.

Na principal praça da cidade (Praça XV), o movimento já não é tão intenso e a iluminação é pouca. Apenas algumas pessoas ainda circulam pelo centro. Garotas de programa desfilam em uma das esquinas da praça a espera de clientes. William passa por elas e caminha para o centro da praça. Ele está cabisbaixo e distante e não percebe que uma delas brinca com ele. Ele também não percebe Carla que está sentada em um dos bancos da praça. Ela tenta chamar a atenção do amigo, mas em vão. Carla deita no banco novamente. William segue caminhando cabisbaixo e chega à um beco. No beco sujo estão várias caixas de papelão jogadas. Ele senta no chão e esconde a cabeça entre os joelhos.

O dia já está clareando. Uma pandorga está distante, “voando” no céu. Ela começa a se aproximar, até tomar conta de toda a tela, que fica escura. William acorda assustado. A amiga Carla está de pé perto dele e seu corpo faz sombra sobre William. Ela o chama e debocha do susto do amigo. Os dois riem e saem andando pelas ruas da cidade, conversando e brincando com quem passa. Em um cesto de lixo, William começa a vasculhar, mas não encontra nada.

William está decidido a fazer uma pandorga. Ele comenta com a amiga o seu projeto. Os dois estão em uma sala cheia de crianças e alguns adultos. Algumas crianças estão sentadas no chão acompanhando uma história contada por uma mulher. Outras se envolvem na confecção de um boi de mamão. William e Carla se encontram nesse segundo grupo que é coordenado por um jovem de aproximadamente 25 anos. Enquanto mexe em alguns panos, William fala com Carla sobre a pandorga. O jovem que coordena o grupo comenta a habilidade de William com trabalhos manuais. Todas as crianças do grupo debocham – em tom de brincadeira – do elogio do professor e brincam com o amigo William. Os trabalhos seguem então em silêncio, marcados apenas por uma música suave que toca em um daqueles aparelhos de som portátil. No final do dia todos já estão guardando o material e William e Carla saem do prédio. Sobre a porta por onde os dois saíram lê-se, em letras grandes mas um pouco apagadas, “Albergue Municipal Santa Rita”.

Na casa dos pais de William, do lado de fora perto da porta, o pai está abaixado pintando uma placa. Consegue-se identificar a palavra “Albergue”. O menino se aproxima, comenta o sonho que teve e pede ajuda ao pai para fazer a pandorga. O pai não se levanta e nem mesmo olha para o menino. Apenas fala, entre uma tragada e outra do cigarro, que está ocupado demais para as brincadeiras de criança. O menino insiste e o pai acaba falando em tom alto e agressivo. William se afasta cabisbaixo.

William e Carla estão juntos e caminham pelas ruas da cidade.

Algum tempo depois, em um dia de vento sul, final de tarde (início da noite) William e Carla sobem um dos morros mais altos da cidade e lá em cima William brinca com o vento. Ele abre os braços e a parte da frente da camiseta se cola no corpo franzino do menino e a parte de trás se enche com o vento. Ele fala para a amiga que esse abraço ao vento parece a mesma sensação de uma pandorga solta no vento. Começa a chover. Os dois procuram abrigo no prédio onde costumavam ocupar algumas tarde com trabalhos manuais e que a noite servia de albergue, mas encontram as portas fechadas. O prédio é grande e antigo. Ouve-se o barulho de várias portas se fechando diante dos dois quando começa a chover forte. Por trás da cortina de chuva consegue-se ler a placa "Albergue Municipal Santa Rita". Surge então um senhor enrolado em um cobertor. Ele vem de trás do prédio e informa aos dois que o local foi fechado. William e Carla estão encharcados. William ainda tenta ver por uma janela. Ele se apoia em uma pedra e através do vidro quebrado consegue-se ver o interior do prédio. Uma sala grande com algumas caixas jogadas em um canto, algumas camas (umas quebradas outras inteiras) e alguns cobertores velhos. Ouve-se risadas de crianças, alguns gritos de adultos, outras risadas. Aos poucos (fusão) vê-se o movimento das crianças no dormitório. Uma imagem rápida, que logo se apaga.

William está dormindo em uma cama simples, na casa da avó, que mora sozinha. Quando ele acorda, a avó chama a atenção do menino pelo fato de ficar nas ruas. Os dois brigam e William sai, sem antes pedir pra avó um tubo de cola, linha e papel. A avó consegue pra ele alguma coisa: um tubo de cola, já bastante usado e no final e uma linha grossa ou um pedaço de lã velha, resultado do desmanche de um blusão. Ele pega uma sacola plástica, dessas de supermercado e sai correndo, deixando a avó aos gritos na porta.

Numa praça, William começa a mexer no material que tem e a falar, em voz alta, o que falta. A amiga Carla chega, olha o material e os dois conversam sobre os planos de William, mas a fome e a necessidade de conseguir alimento interrompem a conversa. William recolhe tudo e guarda embaixo do banco da praça, num lugar escondido.

É horário de saída do colégio (12:00). Numa pequena praça, o ambiente é bastante movimentado. William e Carla se misturam às várias crianças, que estão todas com uniformes de um colégio particular. As crianças estão bem vestidas, falam alto e riem. Sobre um banco, um material escolar ( caderno e livros) chama a atenção de William, que aos poucos se aproxima. Ele começa a mexer no material, folheando o caderno ( daqueles grandes, espiral). Um policial pega William pelo braço e começa a levá-lo embora, mesmo sob protesto do menino. William tem na mão algumas folhas do caderno que ele conseguiu arrancar antes do policial pegá-lo. Carla foge.

Mais tarde, Carla está sozinha na praça, onde ela e o amigo faziam a pandorga. Ela examina embaixo do banco, onde o amigo tinha guardado o material. Tudo estava lá ainda. William se aproxima da amiga, por trás. Ela leva um susto. Os dois sentam no banco e ele conta o que aconteceu na Delegacia de Menores, para onde o policial o levou. Mas ao mesmo tempo que reclama ele mostra para a amiga, com orgulho, as folhas que arrancou do caderno. Ele pega o resto do material em baixo do banco e os dois se distraem com a brincadeira de confeccionar a pandorga. Mas ainda falta uma parte do material: as varetas.

Num terreno baldio, tomado pelo mato, Carla e William estão procurando algo. Ele encontra as varetas que precisava. Elas são desformes, algumas um pouco tortas. São pedaços de caule de uma vegetação qualquer, que William tira as folhas, limpa o galho com as mãos e sorri pra amiga. Ela mostra para o amigo o que encontrou: uma boneca velha e suja, sem uma das pernas, a qual ela acaricia.

A pandorga já está pronta nas mãos de William. Ela é desajeitada, torta, feita com os restos de materiais que o menino conseguiu juntar. O papel roubado do caderno, as varetas encontradas no mato, o resto de cola e da linha (lã) que a avó deu.

No vôo de estréia, a dificuldade em fazer a pandorga subir ao céu. Mas William não desiste. Ele e a amiga estão num morro, numa favela. É um ambiente amplo. Existem alguns barracos e postes de luz improvisados, daqueles que os próprios moradores ajeitam para levar fios de iluminação para suas casas. O menino corre tentando fazer a pandorga voar. Ela ameaça erguer vôo, mas no caminho se prende em alguns fios de iluminação, bem próximo uma árvore. O menino insiste. Ele sobe na árvore na tentativa de alcançar a pandorga. Ele consegue tocar na pandorga que começa a cair, mas ao mesmo tempo ele toca em um fio.

A pandorga cai lentamente no chão e se rasga. Ouvem-se risadas de crianças, enquanto passam caracteres sobre a imagem da pandorga.

“ Nos últimos dois anos, 12 crianças morreram em Florianópolis vítimas de violência e descaso.

Foram meninos e meninas de rua que, assim como William, não tiveram a chance de crescer”.

## Orçamento

### Material sensível :

10 fitas Betacam - 60 min (cada) .....	R\$ 72,74
05 fitas VHS - 40 min (cada) .....	R\$ 2,56

Captação de imagens: ..... R\$ 2.940,00

Edição e pós-produção : ..... R\$ 2.500,00

Combustível /transporte : ..... R\$ 700,00

Alimentação : ..... R\$ 400,00

Roteiro/ Direção : ..... Custo zero

Assistente de direção : ..... Custo zero

Elenco: ..... Custo zero

Figurino : ..... Custo zero

Fotógrafo : ..... Custo zero

Filmes/negativos/revelações/ampliações :  
10 (dez) filmes de 36 exposições ..... R\$ 100,00

---

**Total do Orçamento ( aproximadamente) .....** R\$ 7.380,00